

ANEXO

Homenagem especial ao Prof Américo Piquet Carneiro.

Para se conhecer e compreender a trajetória da construção do NAI é fundamental apresentar seu idealizador: Prof Américo Piquet Carneiro, professor emérito da faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Para melhor conhece-lo uso trechos do discurso proferido na solenidade de abertura da 43^o Semana do Hospital Universitário Pedro Ernesto, cujo tema foi a Saúde do Idoso (DESAFIOS NO ENVELHECIMENTO: PROMOVER A SAÚDE, TRATAR A DOENÇA, 2005), pelo Prof Moisés Szklo, da Universidade Johns Hopkins, seu aluno na UERJ.

23 de agosto de 2005

Eu gostaria de agradecer aos organizadores desse congresso pelo honroso convite e aos familiares do Prof. Piquet Carneiro, que me permitiram usar suas fotos e compartilharam comigo informações sobre sua vida. Também gostaria de dizer quão honrado eu me sinto pela presença de suas filhas Cecilia e Inês, seu genro Álvaro Pessoa e seus netos, Claudio, Marcelo, Alvaro e Flávio, que têm nos privilegiado com suas amizades.

É particularmente emocionante e motivo de grande gratidão aos organizadores desse encontro ter sido convidado para homenagear o meu querido mestre, Prof. Américo Piquet Carneiro. Devo a ele tudo que sou profissionalmente e muito do que sou pessoalmente. O convívio com o Prof. Piquet e sua queridíssima esposa, D. Ofélia, foi influência fundamental em minha vida. O rumo da minha vida profissional mudou em um certo dia em 1965, quando encontrei o Prof. Piquet Carneiro perto da porta lateral de entrada do Hospital e ele perguntou-me se eu queria passar algum tempo visitando alguns departamentos de Medicina Preventiva fora do Rio de Janeiro. A pergunta surpreendeu-me, pois, naquela época minha formação se dirigia à Medicina Interna, para a qual eu estava sendo treinado pelo próprio Prof. Piquet e seus assistentes. Antecipando minha reação, o Prof. Piquet disse-me que o meu estágio nesses departamentos me permitiria ter

contato com uma concepção moderna de Medicina Preventiva, que era muito mais ampla do que aquela a que eu havia sido exposto nos meus tempos de estudante no curso de Higiene. Isso foi o ponto de partida da minha carreira de investigador. Através da CAPES, naquela época sob a direção da Professora Suzana Gonçalves, o Prof. Piquet conseguiu uma bolsa de estudos para mim, o que permitiu que eu fizesse estágios sucessivos nos Departamentos de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina, e das escolas de medicina das Universidades Federais de Minas Gerais em Belo Horizonte, e de São Paulo em Ribeirão Preto. Durante esse estágio começou meu aprendizado em pesquisa epidemiológica, que subsequentemente iria se consolidar com treinamento mais formal nos cursos de mestrado e doutorado.

Para os mais jovens, que não tiveram a oportunidade de conhecer o Prof. Piquet, quem foi essa pessoa extraordinária, que teve tanta importância para nossa Universidade?

Américo Piquet Carneiro nasceu em 8 de setembro de 1909 no Ceará, filho de Bernardo Piquet Carneiro e Adélia Barreira Piquet Carneiro. O nome Piquet é de origem francesa, tendo o bisavô paterno do Prof. Piquet nascido em Lyon, na França. Seu pai, engenheiro, nasceu no Estado do Rio de Janeiro, mas no início do século passado mudou-se com a família para o Ceará para participar em projetos de construção de açudes. Nessa época era casado e tinha já quatro filhos. Com o falecimento de sua esposa, casou-se com D. Adélia, que eu tive o prazer de conhecer, com quem teve seis filhos, sendo o Prof. Piquet o nono entre os dez irmãos e meio-irmãos. Quando o Prof. Piquet tinha aproximadamente cinco ou seis anos, a família voltou para o Rio de Janeiro e nessa ocasião, em homenagem ao seu pai, foi dado a um município do Estado do Ceará, o nome “Piquet Carneiro”. O nome Américo foi dado ao Prof. Piquet a fim de homenagear um tio, irmão de sua mãe, que também foi médico e que se acredita tenha tido influência na decisão de o Prof. Piquet optar pela Medicina como profissão.

O Professor Piquet cursou o secundário no Colégio São José, na Tijuca, que ainda existe até hoje, tendo subsequentemente entrado para a Faculdade Nacional de Medicina --- atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Eis o que diz

sobre Américo Piquet Carneiro, aluno de 4º. ano médico, seu amigo e companheiro de Escola de Medicina, D. Lourenço de Almeida Prado, ex-reitor do Colégio São Bento: “Era mais sério que nós outros estudantes. Creio que usava um pince-nez, que lhe dava um ar grave, que numa comparação imaginária, faria pensar em um botânico alemão. “ Em 1934, formou-se e tornou-se assistente do Prof. Rocha Vaz. Em 24 de maio de 1940, teve a grande felicidade de casar-se com D. Ofélia, com quem teve três filhos, Estevam, Inês e Cecília.

Depois de formar-se em Medicine, trabalhou no serviço do Prof. Capriglione e, por algum tempo, na Imprensa Nacional, no Hospital Moncorvo Filho e no Hospital do IAPETC, atual Hospital de Bonsucesso do INAMPS. Nessa época, fez concurso para Livre Docência da Faculdade Nacional de Medicina e já demonstrando a criatividade que o caracterizaria durante toda sua vida profissional, também inventou um aparelho para dosagem de uréia, o “ureômetro de Piquet Carneiro”. Naquela época residente do Hospital Pedro Ernesto, eu tive a oportunidade de assistir a uma demonstração desse aparelho feita pelo próprio Professor, após a qual eu o usei. Impressionou-me a base bioquímica do método, principalmente sua simplicidade, que era bem característica do estilo do Prof. Piquet, que, extraordinário professor que era, conseguia explicar conceitos de grande complexidade de forma simples e lógica.

Já livre-docente de Clínica Médica e de Clínica Propedêutica Médica da Faculdade Nacional de Medicina e 1º. Assistente do Serviço do Prof. Luiz Feijó, em 1956 o Prof. Piquet fez concurso para a cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, tendo apresentado tese sobre obstrução biliar nas hepatites virais, na preparação da qual contou com a ajuda de alguns colegas, inclusive Fernando Guerra Alvariz. O seu engajamento na nossa escola desde o início de sua carreira como catedrático de Clínica Médica foi total e entusiástico. Eu o conheci em 1960, como aluno de 3ª. série do curso médico da Faculdade, quando ele era chefe do serviço de Clínica Médica do que hoje é o Hospital de Bonsucesso. Não obstante enorme tragédia pessoal, com o falecimento do querido filho Estevam em 1960, pouco depois de sua entrada para o corpo docente de nossa escola, seu entusiasmo pelo futuro da Faculdade de Ciências

Médicas não arrefeceu e foi através de sua influência direta junto ao então governador, Carlos Lacerda, que pouco depois o Hospital Pedro Ernesto incorporou-se à Universidade, tornando-se o nosso hospital universitário. Eram tempos de grande idealismo, que contaram com a participação entusiástica de estudantes como Marcos Moraes, meu caro amigo e ex-diretor do INCA, que era então presidente do Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming – o CASAF – e de Hésio Cordeiro, com quem eu compartilhava a direção do departamento cultural do nosso centro acadêmico. Nessa época, Marcos e eu fazíamos lobby junto aos deputados estaduais de porta em porta. Foi um dia inolvidável aquele em que, em 1963, na casa de Leoberto Ferreira, no Alto da Boa Vista, reuniram-se o Prof. Piquet, Anísio Teixeira, Paulo Alberto Monteiro de Barros, o Arthur da Tavola que na época era deputado federal, Leoberto Ferreira, Marcos Moraes e eu, a fim de se preparar o regimento do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto da Universidade do Estado da Guanabara.

Sem a visão do Prof. Piquet, a incorporação do Hospital Pedro Ernesto, que representou um marco fundamental na história da nossa Universidade, jamais teria ocorrido. Com a criação do Hospital de Clínicas, iniciou-se o programa de residência, inicialmente coordenado por Eugenio Davidovitch, do qual eu participei como residente e também uma fase na vida dos nossos colegas de grande entusiasmo, estudo e reflexão. Lembro-me com muita saudade das sessões de estudo da 3ª. Clínica Médica, lideradas pelo Prof. Piquet. Durante essas sessões, a ênfase principal era em fisiopatologia e o Prof. Piquet, como verdadeiro intelectual que era, fazia questão de que os mecanismos fisiopatológicos relevantes ao tópico em discussão fossem plenamente compreendidos por todos. Frequentemente, ele pedia ao Hésio Cordeiro, que era o caçula do grupo, que pedisse emprestado à nossa biblioteca um livro de fisiologia ou de fisiopatologia para que um conceito ou outro fosse elucidado. A principal lição que recebemos do Mestre nessas e em outras ocasiões foi a de que a prática clínica exige conhecimento em profundidade dos mecanismos fisiopatológicos que regem os processos de saúde e doença. Essa postura dos nossos colegas da 3ª. Clínica Médica, isto é, a de valorizar a fisiopatologia na prática clínica, chegou inclusive a suscitar opiniões de outros colegas de que (entre aspas) o grupo do Piquet era muito teórico...o que pessoalmente considerávamos como elogio...

A influência do Prof. Piquet na vida e postura profissionais de todos nós foi imensa e da sua clínica saíram colegas ilustres como, não só Emílio Francischetti, mas também Fernão Poggi, Hésio Cordeiro, Fernando Guerra Alvariz, Carlos Alberto Chastinet, Ângelo Faillace de Oliveira e muitos outros.

É difícil sumarizar em palavras a importância que o Prof. Piquet teve para a medicina brasileira, e para as pessoas que tiveram a sorte de com ele conviver ou por ele serem influenciadas.

Antes de mais nada, o que caracterizava o Prof. Piquet era a coexistência de um profundo humanismo com o rigor científico. No Prof. Piquet, usando as palavras de Arthur da Távola, havia o grande consolador, que para com os pacientes tinha a palavra certa no momento certo. Citando Arthur da Távola, *“o médico, além de ser portador da ciência, deve ser capaz de trazer a presença pacificadora, benfazeja... Quem conviveu com a doce figura de Américo Piquet Carneiro recebeu essa lição de consolação, companhia, acolhimento.”* D. Lourenço de Almeida Prado confirma o que todos que conheceram o Mestre sabem, isto é, que *“Piquet...foi médico não tanto pelos remédios que sabia receitar, mas pelas palavras que sabia dizer.”* A ciência tinha que ser e era subserviente à posição humanística. Para ele, como em uma ocasião me disse, cada pessoa era todo o universo. Lembro-me de um episódio especialmente característico, em que estávamos todos discutindo o caso de um paciente em coma superficial e um dos residentes referiu-se à gravidade da condição do paciente em tons dramáticos, o que levou o Prof. Piquet a admoestá-lo, ainda que elegantemente, como era de seu feitio. O residente então retrucou: *“...mas, Prof., o paciente está comatoso e não consegue ouvir nada!”*, ao que o Prof. lhe perguntou simplesmente, *“Tem certeza?”*.

O Mestre nos ensinava com seu exemplo e suas palavras que o conforto do paciente, tanto físico quanto psicológico, era o objetivo principal do médico. Logo após o falecimento do Prof. Piquet na noite de Natal de 1992, Dom Lourenço de Almeida Prado enfatizou um outro traço característico do Mestre; que ele jamais examinava um paciente, sem antes esfregar bem as mãos, a fim de aquecê-las. A tese era de que o paciente está sempre em busca de conforto, ansioso por um gesto ou uma palavra amiga, e, portanto, a

importância de, ao tocar o paciente, fazê-lo com as mãos aquecidas. Mas essa postura amiga, carinhosa, obviamente não se limitava a pacientes. Era de uma extraordinária bondade para com todos e um dos seus netos, Flávio, relata um episódio que desejo repetir com suas próprias palavras e que representa apenas uma entre inúmeras provas da grandeza da alma do seu avô. Disse Flávio e eu o cito:

Uma vez eu estava em um Restaurante e encontrei um homem com quem comecei a conversar. Logo, o sobrenome Piquet veio à tona e essa pessoa perguntou-me se eu era parente do Vô Piquet. Quando soube que se tratava de um neto, ele se emocionou muito e disse que tinha tido a seguinte experiência com o Vô:

"Quando ele tinha 7 (sete) anos, perdeu o pai. A mãe, muito preocupada com o estado de profunda tristeza do filho, levou-o ao consultório do Vô Piquet, para uma consulta médica.

Mãe e filho chegaram, ela relatou o acontecido e sua preocupação com a saúde do filho.

O Vô pediu que ela se retirasse e por 2 (duas) horas conversou incessantemente com o menino.

Muito comovido com a fragilidade do menino, o Vô começou a escrever para ele, semanalmente, cartas em que dava conselhos ao rapaz sobre estudo, sobre decisões a tomar e sobre coisas da vida em geral.

Uma vez por mês o Vô o levava para almoçar e ouvia e contava casos, tentando suprir, no menino, a falta que o pai dele fazia.

Eles se corresponderam até o menino fazer 18 (dezoito) anos, quando o Vô achou que ele podia seguir o caminho e já não era tão dependente de uma figura paterna."

Ao humanista de infinita bondade e moral impecável, aliava-se o cientista. Embora obviamente não desprezando a experiência clínica, o Professor tinha clara consciência de que a Medicina tinha que ser baseada no método científico. Assim, anos antes da criação do conceito, hoje popularizado, da chamada "Medicina Baseada em Evidência", o Prof. Piquet já tinha consciência de que a base da prática clínica era a

pesquisa, que ele constantemente estimulava nos seus docentes e alunos. Quando ele me perguntou se eu queria estagiar nos Departamentos de Medicina Preventiva fora do Rio em 1965, ele já intuía que, nesses departamentos, a pesquisa epidemiológica e, por extensão, a pesquisa clínico-epidemiológica começava a florescer. O meu retorno após uma ausência de alguns meses em 1965 coincidiu com a criação do Instituto de Medicina Social pelo Prof. Piquet, que naquela época era diretor da Faculdade de Ciências Médicas. No Instituto, o Prof. Piquet claramente via a institucionalização de um veículo para sua visão, que eu chamaria de humanística-científica da Medicina, na qual o cuidado pelo paciente e sua família e a atenção às características da comunidade na qual o paciente está inserido representam estratégia fundamental de integração dos aspectos sociais, familiares, psicológicos e médicos, com a finalidade de se conhecer o paciente de forma global. Nessa época, ele também criou o Ambulatório de Medicina Integral, que foi entregue ao Instituto de Medicina Social e que, inicialmente coordenado pelo Professor João Regazzi, tinha como objetivo a implementação dessa visão. Uma das funções do Ambulatório de Medicina Integral era promover visitas às residências dos pacientes, pois, como eu mencionei, o Prof. Piquet acreditava que, para se compreender a etiologia e a história natural da doença na sua totalidade, seria importante conhecer o ambiente familiar e social do paciente. Sua visão também era a de que visitas às residências dos pacientes vistos no ambulatório de Medicina Integral permitiriam identificar outras pessoas entre seus familiares que poderiam ser portadoras das mesmas enfermidades em estágio subclínico ou clínico, ou expostas a fatores de risco, como por exemplo obesidade no caso do diabetes e da hipertensão. O corolário da visão do Professor Piquet é que a etiologia e a patogenia da enfermidade, assim como seu prognóstico, devem fazer parte de um “*continuum*”, representando aquilo que tem sido chamado de “história natural” da enfermidade, e têm que ser objetos de observação sistemática e reflexão visando à inferência causal. Em outras palavras, como nenhum outro que eu tenha conhecido, o Prof. Piquet compreendeu que a Medicina Humanista e a Medicina Científica eram, não somente compatíveis, mas também consistentes e reciprocamente necessárias. No Mestre Piquet, o filósofo da ciência médica, o humanista e o médico eram um só. Vale mencionar que, sob a liderança do Prof. Piquet, outros colegas que participaram desse esforço inicial da implantação do Instituto de Medicina Social foram Nina Pereira Nunes,

Hésio Cordeiro, que mais tarde seria o reitor da UERJ, e Nelson Moraes, que foi o primeiro diretor do Instituto de Medicina Social. Na implementação do Instituto, houve entusiástica participação de muitos outros, como João Regazzi, Reinaldo Guimarães e José Noronha.

Como pode ser facilmente inferido, o Prof. Piquet era, antes de tudo, um visionário. Sua criatividade e visão, porem, não se restringiram à noção de que, a fim de se compreender a etiologia e mecanismos das enfermidades, seria necessário criar uma estrutura de investigação e serviços que captasse conhecimentos para além das paredes das enfermarias e ambulatórios e que incluísse a comunidade como um todo. Sua visão também o levou a afirmar décadas antes de que o conceito fosse redescoberto pelos cientistas, que inflamação é o processo básico que rege não só enfermidades infecciosas, como tem sido aceito desde a criação da patologia moderna, mas que também é fundamental na patogenia das doenças crônicas e não apenas as auto-imunes pelas quais ele tinha interesse especial. Hoje é plenamente aceito que tanto nos processos de transformação maligna quanto nos de doenças crônico-degenerativas, tais como diabetes e arteriosclerose, a inflamação cumpre um papel essencial. Sua importância se estende até a condições pré-mórbidas, como por exemplo obesidade e síndrome metabólica. Atualmente, o papel da inflamação em doenças crônicas em geral é tão bem estabelecido que há pouco foi sugerido que a proteína C-reativa fosse incluída como parte da investigação do perfil de risco e até mesmo funcionasse como teste de rastreamento da arteriosclerose.

Com o aprofundamento do estudo da inflamação e de seus produtos celulares e extra-celulares, tem havido um crescente interesse nos fenômenos imunológicos que parecem também ter papel importante na patogenia das enfermidades crônico-degenerativas. Por exemplo, reações imunológicas são parte do processo que inicia a injúria ao endotélio caracterizando o início do processo arteriosclerótico. Aqui também a visão do Prof. Piquet deve ser destacada, tendo sido refletida já em 1942 na feitura de uma excelente monografia sobre alergia e doenças alérgicas. É interessante que, quando fez essa monografia, o Prof. Piquet, aos 33 anos, era não só assistente da 3ª. Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina, mas também ensinava Antropologia

e Etnografia na Faculdade Católica de Filosofia do Rio de Janeiro e Antropologia na Faculdade de Filosofia do Instituto de Santa Ursula --- o que demonstrava que, desde jovem seus interesses intelectuais se estendiam além da medicina, embora a ela extremamente pertinentes. Eu recentemente reli esse trabalho, que me foi gentilmente emprestado por Inês Piquet Carneiro de Castro e descobri que mantém extraordinária atualidade, além da clareza de estilo consistente com o papel destacado de educador que se tornaria anos mais tarde tão importante para a nossa escola.

Além da criação do Instituto de Medicina Social, da sua premonição do que viria mais tarde ser chamada de “Medicina Baseada em Evidência” e do seu interesse pelo processo inflamatório, o Prof. Piquet também compreendeu a importância da formação em ciências biomédicas, tendo como diretor da escola criado Instituto com esta finalidade, [hoje abrigado em prédio que recebeu seu nome].

Mais a propósito dessa reunião científica, se interessou pelos problemas de envelhecimento anos antes que a área se tornasse foco de grande atenção. Já na sua aula magna de 1979, que foi o ano de sua aposentadoria formal, mas não de fato, declarou que o problema do envelhecimento humano deve ser objeto de enfoque multidisciplinar, envolvendo não só a medicina, mas também a antropologia, a psicologia, a sociologia, a demografia, a educação, a saúde pública e a ecologia. Adicionou que o envelhecimento populacional seria, seguramente, um dos maiores problemas sociais a se enfrentar, em futuro próximo, em todo mundo e enfatizou a urgência de que fosse a ele dado a atenção necessária. Há poucas semanas eu tive uma reunião com a diretora do Departamento de Geriatria da Universidade Johns Hopkins, a Professora Linda Fried, que me comunicou que havia feito uma palestra em que havia exposto, segundo ela, idéias originais sobre envelhecimento. Quando eu vi o conteúdo dessa palestra, qual não foi minha surpresa ao constatar que repetia praticamente os mesmos conceitos que o Prof. Piquet havia elaborado há mais de um quarto de século!

Na aula inaugural da UERJ que proferiu em 1988 como professor emérito, o Prof. Piquet tratou da Universidade da Terceira Idade e, a fim de enfatizar a importância de

preparar os idosos para uma vida ativa e independente, citou uma frase de Picasso que dizia que “precisamos viver muito para nos tornarmos jovens”. Baseado na sua própria experiência clínica, mantinha o que hoje é plenamente aceito, que muitas pessoas podem ter uma velhice física e mentalmente sadia e que velhice não é necessariamente sinônimo de doença. Após resumir a experiência de universidades da terceira idade fora do Brasil, terminou sua palestra sugerindo cursos de língua portuguesa e de outros idiomas, de literaturas brasileira e portuguesa, e de história da arte e educação física. Manifestava então a esperança de que a Universidade do Estado do Rio Janeiro seria sensível à organização de uma Universidade da Terceira Idade, o que veio a acontecer posteriormente sob a liderança do Prof. Renato Veras.

O Dr. Paulo Henrique Chaves, um dos ex-alunos do Mestre e atual professor assistente de Geriatria na Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, me forneceu o seguinte depoimento baseado em sua experiência pessoal com a criação do Núcleo de Atenção ao Idoso e da Universidade da Terceira Idade na UERJ. Nas palavras do próprio Paulo Henrique:

“Com relação ao Núcleo de Atenção ao Idoso, em 1989, o Prof Piquet começou, começou a agrupar pessoas interessadas nas questões de saúde da terceira idade no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Fazíamos reuniões na antiga sala do plantão geral do Hospital Pedro Ernesto (HUPE) e na sala de conferência perto da enfermaria 11-12. Éramos um pequeno grupo de residentes e profissionais de várias especialidades (medicina, enfermagem, nutrição, psicologia, etc.) que se reuniam para discussões científicas e conversas variadas a respeito do tema envelhecimento. Este programa inicialmente recebeu o título de “Programa de Estudos, Debates, Pesquisas e Assistência sobre a Terceira Idade”. O Prof Piquet nos dava livros e artigos para ler, instigava a nossa curiosidade e nos fazia enxergar a necessidade da geração de novos conhecimentos e modelos para lidar com a questão do envelhecimento tanto em nível de cuidado individual de saúde como em termos de saúde coletiva.”

“Em 1990, sob a liderança do Prof Piquet, o Núcleo de Atenção ao Idoso começou a funcionar. Atendíamos em 4 pequenas salas no primeiro andar do HUPE perto do que na época era o ambulatório dos funcionários e da emergência do hospital. Se me recordo bem, a equipe inicialmente tinha 2 médicos (o Prof Piquet e eu), duas enfermeiras, uma nutricionista, dois psicólogos e uma especialista em educação física. O Núcleo de Atenção ao Idoso foi oficialmente inaugurado em 1991. A missão do Núcleo era de “oferecer atenção integral à saúde do idoso, numa ação multiprofissional e interdisciplinar, vendo o idoso como ser humano integral e sua saúde como algo inserido em um processo amplo de qualidade de vida”.

Desde então, o Núcleo continuou (e continua) crescendo.

Com relação à Universidade da Terceira Idade, a criação de um programa voltado para as questões da terceira idade dentro da UERJ era uma aspiração antiga do Prof Piquet, visionário com um poder de antecipação impressionante. Infelizmente, O Prof Piquet faleceu antes da UNATI ser ratificada pelo Conselho Universitário da UERJ com um núcleo pioneiro de debates, pesquisas e assistência na área da Terceira Idade em maio de 1994.

Na UNATI, que fica localizada no Bloco F, 10º. Andar no campus principal, há uma placa comemorativa com uma frase atribuída ao Prof Piquet: “O envelhecimento populacional será, seguramente, um dos maiores problemas sociais a se enfrentar em futuro próximo em todo mundo. Torna-se urgente, portanto, que os governos e as universidades comecem a dar atenção a essa grave questão, organizando centros ou institutos para o estudo dos aspectos biológicos e sociais do envelhecimento e elaborando programas para recuperação e utilização da imensa força de trabalho que representa uma grande percentagem de pessoas que se aposentam cedo, ainda com muito vigor físico e intelectual, que o país não pode desprezar”.

Apenas poucos dias antes de falecer, o Prof. Piquet deu uma entrevista ao Jornal do Brasil em que enfatizou a prevenção através de exercícios físicos moderados e dieta e

citou como os maiores inimigos da velhice a obesidade, a hipertensão, diabetes e tabagismo.

Como eu já enfatizei, no Prof. Piquet integravam-se, como em nenhum outro, humanismo, visão, rigor científico e excelência na prática da medicina. Sua postura humilde e profundamente sensível ao próximo foi sem dúvida influenciada por sua profunda fé cristã. Desde jovem foi membro ativo da intelectualidade religiosa do Rio, grupo ao qual pertenciam monges do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, como D. Lourenço de Almeida Prado, D. Basílio Penido e D. Marcos Barbosa e outros brasileiros ilustres como Tristão de Athayde e Marcílio Marques Moreira. Como verdadeiro cristão, o Prof. Piquet era profundamente tolerante com relação a perspectivas diferentes das suas e isso se refletia na diversidade filosófica, política e religiosa do corpo docente da 3ª. Clínica Médica.

Organizava reuniões inicialmente em sua residência e posteriormente em seu consultório para discutir filosofia e problemas nacionais com grupos que frequentemente incluíam pessoas de tendências filosóficas e políticas variadas. Não surpreendentemente, sua postura em prol da democracia durante a ditadura militar --- ocasião em que era diretor da nossa escola --- foi de uma firmeza moral impecável. Em artigo publicado no Jornal do Brasil após seu falecimento, seu genro, o advogado Alvaro Pessoa, relata o seguinte episódio e uso suas palavras:

“Quando em 1969, mais negro era o manto do obscurantismo e a tortura campeava, Américo Piquet Carneiro era o diretor da Faculdade de Medicina da UERJ. Agentes do DOPS foram-lhe pedir, em sua residência (como coisa natural) que permitisse a entrada de policiais disfarçados de alunos para espionar na Faculdade. Foi o dia em que o vi mais zangado em 30 anos de convívio familiar. Mas, como é que, fumegou, permitindo uma traição dessas, vou olhar meus alunos nos olhos. A negativa de “cooperar” com o obscurantismo custou-lhe um inquérito, mas manteve alta sua moral e quietude de espírito. Ao oficial encarregado do IPM, que lhe perguntava sobre subversão, oferecia livros de Santo Tomás de Aquino e Jacques Maritain que, a propósito, era seu mentor

espiritual, dizendo-lhe que tudo o que estava ocorrendo no Brasil derivava da ausência de educação. Desse episódio lhe veio a idéia (que concretizou) de reunir oficiais das Forças Armadas, em grupo destinado a estudar os problemas nacionais. A idéia frutificou e o grupo encontrava-se semanalmente, inclusive pela última vez, 48 horas antes de sua morte. A principal missão do oficial das Forças Armadas é ser culto, lembrava ele.”

A propósito, eu e outros médicos da 3ª. Clínica Médica fomos também chamados a depor durante esse inquérito e convidados a denunciar estudantes e colegas, ao que invariavelmente respondíamos que não sabíamos de atividades subversivas na escola, o que levou o interrogador a dizer que achava estranho que na Clínica do Prof. Piquet todos os médicos eram extremamente distraídos, pois, não se lembravam de nada e não sabiam de nada sobre atividades subversivas na Faculdade de Ciências Médicas...

O Prof. Piquet aposentou-se formalmente da UERJ em 1979, mas continuou ativo como professor emérito até seu falecimento em 1992. Em seu comentário por ocasião do falecimento do Prof. Piquet, a Prof. Vilma Santana, que havia sido sua assistente desde os tempos do hospital do IAPETC, expressou o que foi na realidade a opinião de todos que tiveram o enorme privilégio de com ele conviver. Eu reproduzo aqui suas palavras:

“O Prof. Piquet não foi uma dessas inteligências que se projetam e influenciam pela palavra brilhante, mas superficial, de pouca essência. Ao contrário, sua influência se firmou através de um estilo caracterizado pela modéstia..., com a qual procurou manter, fora da luz pública, seu valor intelectual e moral. Como Mestre, seu ensino foi baseado ... nas lições dadas em pequenos grupos de estudo com os alunos. Estes grupos, que ele estava sempre formando ou incentivando os colegas a formar, visavam a diminuir a distância entre professor e alunos e facilitar um intercâmbio descontraído durante a leitura e discussão de textos relacionados a recente progresso científico. Para esses estudos em conjunto, ele emprestava livros ou revistas atualizadas, adquiridas para sua coleção particular, muitas vezes antes mesmo de tê-los lido pessoalmente. “ Mais adiante, a Prof. Vilma diz que “...com a persistência e dedicação que só um visionário

pode ter; ele conseguiu eliminar barreiras e aliciar forças para construir; a bem dizer, uma nova Escola. “

Foi esposo, pai e avô exemplar e eu quero servir-me dessa oportunidade para também prestar homenagem a sua esposa, D. Ofélia. É quase um clichê dizer que por trás de um grande homem está uma grande mulher e isso seguramente aconteceu com o Prof. Piquet. D. Ofélia foi uma mulher extraordinária que, com seu lindo sorriso e franqueza, o apoiou sem restrições e com infinita lealdade. Tê-la conhecido tão bem quanto Hilda e eu a conhecemos foi, é e sempre será motivo de grande orgulho para nós. Ter tido D. Ofélia e Prof. Piquet como padrinhos de casamento foi uma honra e simbolizou o que eles significaram e continuam a significar para nós.

Na sua aula inaugural da UERJ em 1988, o Prof. Piquet citou uma série de nomes ilustres que conseguiram proezas extraordinárias em idade avançada, entre eles: Marc Chagall, artista plástico, que aos 79 anos criou dois magníficos murais para o Lincoln Center de Nova York; Helena Rubinstein, que escreveu suas memórias depois dos 90 anos; e Arthur Rubinstein que tinha 89 anos quando deu dois brilhantes recitais em Carnegie Hall. Eu acrescentaria a essa ilustre lista o nome de Américo Piquet Carneiro, que aos 83 anos continuava mais intelectualmente ativo do que nunca e cuja herança persiste não somente em suas magníficas realizações, mas também nos nossos corações. Quando atendemos a um paciente e o consolamos, ouvindo o que ele tem a dizer com simpatia e gentileza, o Prof. Piquet estará sorrindo ao nosso lado. Quando fazemos do estudo e da integridade intelectual e ética nossos valores, o Prof. Piquet estará nos dando sua aprovação. Ao trabalhar em prol da nossa escola e da nossa universidade estaremos prestando a maior homenagem possível a esse ser humano extraordinário e literalmente singular que foi o meu mestre, Prof. Américo Piquet Carneiro. Como bem disse Arthur da Távola sobre Américo Piquet Carneiro: *“Tudo o que séculos de cristianismo desenvolveram em análise e aprofundamento de modos de vida, homens como ele – raríssimos --- conseguem incorporar em cada momento de suas vidas, em cada gesto, palavra ou ação. “*

Muito obrigado.